

Alucinógeno. Detentos também praticam meditação, fazem massagem e aprendem um ofício na prisão

Presos fazem terapia com chá do Santo Daime na Amazônia

Condenado diz que fala com vítima durante transe para “implorar perdão”

■ SIMON ROMERO
THE NEW YORK TIMES

■ JI-PARANÁ. Na cidade de Ji-Paraná, na bacia do rio Amazonas, dezenas de adultos e crianças, todos vestidos de branco, fazem fila. Um homem santo entrega a cada pessoa um copo de ayahuasca, bebida alucinógena de aspecto turvo. Todos tomam; alguns vomitam. Entoam hinos. Consomem mais ayahuasca. À meia-noite, os fiéis parecem estranhamente energizados. Então, a parte da dança começa.

Tais rituais ocorrem em toda a Amazônia, onde a ayahuasca é consumida há séculos. No entanto, a cerimônia, realizada a uma noite de março, era diferente das demais: quem se servia da jarra eram presidiários, condenados por crimes como homicídio, seqüestro e estupro.

“Finalmente percebi que estava no caminho errado na vida”, disse Celmir de Almeida, 36, que cumpre pena por homicídio em uma prisão a quatro horas de distância. “Cada experiência ajuda a me comunicar com minha vítima para implorar seu perdão”, disse ele, que já tomou ayahuasca quase 20 vezes no santuário.

O fornecimento do alucinógeno para os detentos em indulto temporário no meio da floresta reflete

uma busca contínua de formas de aliviar a pressão do sistema prisional do Brasil. A população de detentos do país duplicou desde o início do século, e hoje conta com mais de 550 mil indivíduos, superlotando prisões subfinanciadas onde ocorrem frequentes violações de direitos humanos e violentas revoltas que já chegaram a incluir decapitações.

Em 2013, os terapeutas voluntários associação Acuda, organização pioneira de direitos dos presos da capital de Rondônia, decidiram dar ayahuasca aos detentos. A poção da Amazônia, que é geralmente feita da mistura e infusão de um cipó (*Banisteriopsis caapi*) com uma folha (*Psychotria viridis*), está crescendo em popularidade no Brasil, nos Estados Unidos e em outros países.

“Muitas pessoas no Brasil acreditam que os presos devem sofrer, sentir fome e privações. Esse pensamento reforça um sistema em que eles acabam voltando à sociedade mais violentos do que antes”, disse Euza Belotti, 40, psicóloga da Acuda. A Acuda, segundo ela, “simplesmente vê os presos como seres humanos capazes de mudar”.

Santo Daime

Origem. O Santo Daime é uma religião brasileira fundada nos anos 30 que mistura catolicismo, tradições africanas e comunicações com espíritos, popularizadas no século 19 por Allan Kardec.



Êxtase. Devotos do Santo Daime, incluindo detentos, dançam após consumir o chá ayahuasca, que tem propriedades alucinógenas

Euza e outros terapeutas testam aspectos dessa filosofia em um dos prédios do complexo prisional de Porto Velho. Juizes e guardas permitem que cerca de dez detentos de prisões de segurança máxima da cidade vivam nas dependências da Acuda, uma antiga instalação do exército. Dezenas de outros prisioneiros de outras penitenciárias da região participam de sessões de terapia todos os dias.

Dentro do complexo, os detentos praticam meditação, fazem massagem ayurvédica uns nos outros e aprendem habilidades como manutenção de motocicletas, além de cuidarem de uma horta.

LALO DE ALMEIDA/THE NEW YORK TIMES



Religião. Um dos detentos que participam do programa da entidade Acuda reza após consumir o chá



Um dos prisioneiros se concentra durante a cerimônia

Experiência semelhante foi feita nos EUA na década de 60

■ JI-PARANÁ. Oferecer drogas psicodélicas a presidiários é um fato raro. Em uma experiência de curta duração nos Estados Unidos, nos anos 60, pesquisadores de Harvard, orientados pelo psicólogo Timothy Leary, deram psilocibina, uma droga advinda de cogumelos, aos detentos de uma prisão em Massachusetts. “A ayahuasca tem um grande potencial porque, nas condições ideais, ela pode produzir uma

experiência transformadora”, disse o Charles S. Grob, professor de psiquiatria da Faculdade de Medicina da Ucla, nos EUA, que realizou estudos extensivos sobre a bebida.

Os supervisores da Acuda, que têm permissão do juiz para levar cerca de 15 prisioneiros uma vez por mês para a cerimônia do templo, dizem estar cientes dos riscos da ayahuasca, comumente chamada de daime no Brasil. (SR/ NYT)

Críticas Parentes de vítimas não se conformam

■ JI-PARANÁ. Terapeutas voluntários da Acuda, entidade que fornece o Santo Daime aos presos, disseram que perderam clientes em suas clínicas particulares, pois estes discordam que se dispense tal atenção aos condenados. Parentes das vítimas que sofreram nas mãos dos prisioneiros afirmam que o projeto é injusto.

“Onde estão as massagens e a terapia para nós?”, perguntou Paulo Freitas, 48, gerente de uma fábrica de couro cuja filha de 18 anos, Naiara, estudante universitária, foi sequestrada, estuprada e assassinada em Porto Velho em 2013 por um grupo de homens, crime que surpreendeu muitas pessoas dessa região da Amazônia.

Freitas disse que ficou chocado ao saber que um dos condenados pelo assassinato de sua filha seria transferido, em breve, aos cuidados da Acuda. “Isso é absolutamente revoltante. Os sonhos da minha filha foram destruídos por esse homem, mas ele pode ir para a selva e tomar seu chá”. (SR/NYT)